

Contação de histórias: sabedoria e identidade cultural do campo

Marciane Aparecida Costa Silva PEREIRA¹; Cecília Barreto ALMEIDA²

¹Pedagoga pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes e Pós-graduada em Educação do Campo pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/Unimontes. ²Professora orientadora. Docente da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes.

RESUMO

É sabido que contar histórias é uma forma de comunicação humana que se estende aos dias de hoje. No entanto, tal prática se vê furtivamente ameaçada pelo desprendimento dos valores culturais tradicionais ante o florescer midiático. **Objetivo:** O presente trabalho postula o resgate da prática da contação de histórias no seio da comunidade rural de Jatobá, município de Janaúba/MG, através de um plano de intervenção pedagógico, como forma de valorizar as tradições e saberes do campo. **Metodologia:** Através de procedimentos de campo, foram avaliadas as perspectivas da tradição oral, partindo dos moradores mais antigos da localidade em cruzamento de dados com estudantes da escola local. Foi acionada uma entrevista para o primeiro grupo e um questionário para o segundo, buscando diagnosticar e refletir mais profundamente a realidade da tradição. **Resultados:** Evidenciou-se que a contação de histórias perde espaço no campo. As novas gerações têm pouco comprometimento e conhecimento das tradições e irrefletidamente se desconectam do núcleo cultural identitário de seu povo. A escola tem o papel de ressignificadora de práticas no resgate do berço cultural local. **Considerações finais:** A narrativa de histórias é uma atividade de potencial pedagógico inestimável, porém se vê em risco de desaparecimento, cumpre o ofício de seu resgate que se concatena ao resgate cultural e identitário de um povo e ao resgate do próprio indivíduo em suas manifestações e memória.

Palavras-chave: Contação de histórias. Identidade cultural. Memória e cultura. Escola do campo.

INTRODUÇÃO

Desde sempre o homem contou histórias, dando vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos e as memórias transmitidas por seus ancestrais (CAPRINO; PERAZZO, 2011). Em tempos passados era ao redor de uma fogueira que pessoas se reuniam para escutar os mais velhos narrarem suas aventuras, lembranças e ensinamentos (SILVA, 2011). A tradição oral contada pelos mais velhos constituía a base da educação geral das crianças (VANSINA, 2010). A palavra pronunciada era legitimadora, verdadeira, incontestável (ABRAMOVICH, 2010). Ainda hoje, a oralidade norteia a cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da “oratura”, vem desaparecendo como também a prática narrativa se evanesce (UMBELINO, 2005).

Ouvir e contar histórias são aspectos inerentes ao ser humano, já que, desde a infância, tal hábito começa a fazer parte do itinerário de vida das pessoas, refletindo, na maioria das vezes, todo o curso de

sua história (CALDIN, 2002). A oralidade contempla as mais tenras noções de ética, senso de justiça, solidariedade, partilha, amizade, afetividade e valores tangenciais da existência humana (NETO; DANTAS, 2011). A prática da contação de histórias durante muitos anos tornou-se o meio de preservar os valores de uma comunidade, bem como sua integração e coesão social (PISCITELLI, 1993). Nessa perspectiva, a prática da narração pertence ao patrimônio cultural de toda a humanidade, representando a visão do mundo e as relações entre o homem em comunidade e a natureza (CAPRINO, PERAZZO, 2011).

As histórias contadas têm expressiva importância na configuração do lugar e da cultura de um povo (CALDIN, 2002). Isso confere um papel essencial à oralidade, na medida em que representa a reconstrução de fatos na memória de um grupo (OTTE, 2011). Compreende-se então que a memória popular através da tradição oral de contar histórias se preserva de geração em geração, orientando-se como constituinte da identidade de um povo (VANSINA, 2010). Contar histórias aponta para um movimento de perpetuação da tradição cultural (SILVA, 2011). Nessa senda, a oralidade representa a transmissão intempestiva da memória coletiva condensada de experiências, valores e vivências da ancestralidade (BRANDÃO *et al.*, 2009). No ato de contar e ouvir histórias, nasce a cumplicidade coletiva entre os membros de uma comunidade (SILVA, 2011). Trata-se de uma atividade de berço cultural e de registro histórico provada pelos diversos contextos socioculturais contemporâneos que ameaçam a prática de potencial construtora de identidade cultural (CALDIN, 2002).

Entretanto, a figura do ancião contador de histórias perde espaço e as práticas tradicionais da narrativa e audição de histórias são dispersas no largo da sociedade contemporânea e líquida (CARUSO, 2010). As novas tecnologias, interações hipermediáticas e novas relações de consumo cultural minimizaram o valor operativo das histórias contadas no cotidiano popular (THOMPSON, 2000). Os contextos midiáticos contemporâneos marcados pela convergência e pela franca velocidade e mesmo volatilidade das técnicas e parecem revelar certa aversão à tradição no comportamento dos sujeitos (NETO; DANTAS, 2011). Cumpre resgatar e salvaguardar a tradição oral da contação de histórias por seu valor e função social que perpassam os indivíduos em suas raízes e história. Tal ensejo é o ponto de partida deste trabalho.

Resgatar a tradição da arte e cultura de contar histórias, tendo por lócus uma comunidade rural através de um projeto de intervenção pedagógica constituiu o objetivo traçado deste trabalho. O plano de intervenção pedagógica teve por ideal a valorização da comunidade do campo em seu saber cultural na prática da contação de histórias. O trabalho foi realizado junto à população geral com suporte da escola local como espaço facilitador das atividades e ressignificação das práticas. Os esforços de intervenção e memória vão ao encontro dos cenários mais drásticos onde a tradição oral se vê ofuscada, ameaçada e substituída irrefletidamente ante aos novos modelos de consumo cultural.

Tradição oral, cenários e perspectivas

Os relatos sobre a dramaticidade a que a tradição da narração de histórias vive são elucidativos:

Num passado já mais distante, havia espaço e tempo no seio da família para compartilhar as experiências e as vivências do dia-a-dia. Havia disposição para ouvir, falar e para compartilhar. Em muitas famílias, após o jantar, todos se agrupavam ao redor do avô ou da avó, do pai ou da mãe, para ouvi-los falar sobre a história da família - e muitos tinham em seu meio um contador de estórias e histórias. Nessas horas um estava perto do outro, sentia o outro, afeto e carinho floresciam (OTTE, 2011, p. 3).

É perceptível e compreensível que a contação de histórias era uma fonte cultural de entretenimento familiar, um elemento comum a uma comunidade (VANSINA, 2010). No entanto, essa arte não tem evidenciado a mesma característica na atualidade. O dado comportamental das massas hoje aponta para um relacionamento furtivo em relação às práticas mais tradicionais de entretenimento e cultura (CARUSO, 2010). A pirotecnia dos recursos midiáticos fez com que os indivíduos se relacionassem de maneira distinta no tocante à cultura, mais restrita ao passado e desinteressada das tradições (THOMPSON, 2000). A efervescência da atualidade não apenas fragmenta o valor cultural da tradição oral, mas suprime as possibilidades de usufruto dos sulcos culturais mais tradicionais como fator formativo e educativo (BAUMAN, 2001).

O cenário contemporâneo e midiático dota a sociedade de aplicações e ferramentas de forte valor agregado, entretanto verificadamente altera as formas de consumo de cultura, informação e conhecimento (CARUSO, 2010). A cultura conectada e midiática é muito presente no cotidiano popular e pelo seu brio faz com que formas cadentes como a contação de histórias e outras práticas tornem-se de pouca aderência no seio sociocultural dos grandes centros e das localidades mais interioranas concomitantemente (LÉVY, 2000). Há uma tensão entre o florescer moderno e os hábitos tradicionais da ancestralidade que, por sua vez, não condenam e ensimesmam a realidade, mas são parte do princípio de soluções de fomento e resgate cultural a serem construídas no próprio palco da atualidade (THOMPSON, 2000).

Com a progressiva dos tempos, também a integração presente nas comunidades rurais, espaço de intervenção do trabalho, vem se extinguindo (OTTE, 2011). Práticas culturais, como a tradição oral da narrativa de histórias, são atingidas inevitavelmente com o viço colossal do novo midiático. Tal discussão sinaliza para uma tensão existente entre os dados cada vez mais convergentes e as tradições socioculturais mais enraizadas (CARUSO, 2010). Convém ressaltar, contudo, que o panorama de diversidade e atrição entre ambos os cenários, tradição e contemporaneidade, não se anulam, mas precisam ser ressignificados no terreno social para que dotem o homem de meios de ser e estar no tempo e no espaço. A contação de histórias funcionava no berço comunitário como um elo entre famílias e membros da comunidade, configurando-se como tempo e espaço de entretenimento (UMBELINO, 2005).

Não obstante o quadro social vigente, a contação de histórias, tradicionalmente enraizada e crescente de um corpo cultural acentuado, não tem seu valor diminuído nem depreciado (NETO; DANTAS, 2011; CALDIN, 2002). Contar histórias aponta para um movimento de perpetuação da tradição oral (SILVA, 2011). Os legados de uma geração apenas são transmissíveis através da palavra, porque a palavra é socializante, uma vez transmitindo vivências dos sujeitos, a palavra contada tem uma função social (ARENDDT, 1972).

O ofício de contar histórias perpetua a literatura oral num dispositivo de comunicação sujeito a sujeito, dentro de sua coletividade, o que os homens de todos os tempos têm recortado de sua experiência como sendo indispensável à vida (MEIRELES, 1979). Ainda que espaços para essas atividades estejam restritos atualmente, todo povo tem histórias que contam sobre suas tradições, suas raízes e seu legado. As histórias são veículos que propiciam o descobrimento de outros lugares, tempos, visões e jeitos numa abordagem múltipla do devir cultural humano (ABRAMOVICH, 2003).

Nesse sentido, é notável o quanto a memória e a oralidade são fundamentais à história de um povo, de uma comunidade. Elas são intrinsecamente ligadas às suas práticas culturais (CAPRINO, PERAZZO, 2011). A cultura oral sendo socializante estimula a unidade comunitária e social (ABRAMOVICH, 2010). O ato de contar e escutar histórias, assim, são medidas revitalizadoras e estimulantes da tradição, da herança cultural, do valor do indivíduo e de sua coletividade.

A tradição oral reúne características significativas e potencializadoras, pois revela lembranças e esquecimentos em múltiplas dimensões, formando assim um triângulo entre a experiência do passado, a cultura que se recorda e o contexto presente (COGO; NASSAR, 2011). Dessa forma, a história oral busca registrar a memória viva do indivíduo e da comunidade, construindo uma imagem dinâmica do vivido: sua identidade cultural.

Contação de histórias e educação

A narrativa oral é o (re)conhecimento de depoimento individual como referência a processos históricos, sociais e culturais. É dado comportamental, constituinte da própria origem humana, num somatório identitário cultural de relevância linguística e sociológica (GANCHO, 2001).

Considerando esse potencial humano para as narrativas orais, percebe-se que o contar histórias, além de abarcar a esfera coletiva, abarca também a esfera individual, considerando e estimulando a singularidade e a subjetividade de cada indivíduo (COGO; NASSAR, 2011). Partindo dessa premissa, tais narrativas devem ser entendidas como uma importante ferramenta pedagógica, que apresenta inúmeras potencialidades metodológicas e cognitivas, como o desenvolvimento da oralidade, da autonomia, da subjetividade e da auto-estima.

No desenvolvimento cognitivo infantil, tais histórias desempenham papel importante, gerando contribuições como formação de caráter, capacidade de raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico e disciplina (DOHME, 2000). Esse conjunto de habilidades desenvolvidas a partir da contação/audição de histórias revela o poder da oralidade no processo de ensino aprendizagem, constituindo-se como importante elemento no desenvolvimento das crianças (ABRAMOVICH, 2010). Sob essas perspectivas, ao se trabalhar na escola - lócus de estabelecimento do plano de intervenção deste trabalho - e, sobretudo na escola do campo, com formas populares, os alunos podem reconhecer a cultura de sua própria família, ou melhor, podem perceber que sua gente também tem cultura. Guimarães Rosa, em entrevista, pontua a essencialidade que a contação de histórias representa:

Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza [...] desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas [...] deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens (ARROYO, 1984, p. 19).

Nesse sentido, percebe-se que contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser: o individual, o social, o espiritual e o cultural (FARIA; GARCIA, 2002). Especificamente, no que toca à educação do campo, o processo de contação possibilita o autoconhecimento, o reconhecimento da comunidade, o sentimento de pertencimento ao campo, enquanto sujeito do campo, fruto de uma história valiosa, reconhecida e altamente significativa (ABRAMOVICH, 2010; SILVA, 2011). Essa auto-imagem leva ao reconhecimento identitário do campo, além de fazer a educação efetivamente significativa, partindo de conceitos e valores que lhe foram e são significativos e semelhantes (SILVA, 2011).

A contação de histórias é uma abertura de caminho para a leitura e para o desenvolvimento formativo, desde a infância, quando as crianças se interessam pela arte oral e se motivam a compartilhar momentos de sua vida (DIXON, 2011). A expansão da consciência ética, além da convivialidade com a diversidade, são elementos que pendem do valor salutar da contação de histórias (BUSSATO, 2003).

Evidencia-se a parcela de contribuição e influência que a contação de histórias exerce no seio social como instrumento de representatividade cultural e educativa com relações íntimas com o desenvolvimento humano (FARIA; GARCIA, 2002). Abrir espaço na escola para essa riqueza é deixar adentrar a própria comunidade, vivificada, valorizada e ressignificada. Contar histórias e resgatar sua prática está diretamente relacionado a um reflorescimento das tradições que acionam para um resgate do sujeito humano, ser social, cultural, religioso e histórico. O viço comunicacional é natural do homem, é um distintivo marcante de seu devir, sendo-lhe uma necessidade, percebida na transmissão de sua história e memória palavra a palavra (UMBELINO, 2005). Resgata-se a prática, resgata-se a comunidade, resgata-se o indivíduo.

METODOLOGIA

O empreendimento metodológico do estudo caracterizou-se de abordagem quali-quantitativa, sob o orientado de pesquisa de campo. A população envolvida no trabalho compôs-se da Comunidade Jatobá, zona rural do município de Janaúba, Minas Gerais. O extrato amostral resultante derivou um duplo grupo, o primeiro composto por moradores da localidade selecionados pelo critério de maior faixa etária, sinalizando para uma maior experiência de vida no lócus de pesquisa, e o segundo, dos alunos do 7º ano da Escola Municipal Ludovina Francisca Pereira. Do primeiro grupo quis se capitular a dimensão da tradição oral na contação de histórias como necessidade de compreender tal dado de patrimônio cultural, tendo uma entrevista por instrumento de coleta de dados. No segundo grupo, composto da posteridade do primeiro, quis-se diagnosticar previamente, através de questionário, hábitos relativos à prática e, após a realização da intervenção pedagógica, capitular da interação e recepção do grupo quanto ao resgate da cultura de histórias contadas. Em resumo, aplicou-se inicialmente uma entrevista aos moradores antigos. A seguir, questionário aplicado a estudantes. O plano de intervenção pedagógica foi realizado antes do procedimento da segunda parte do questionário com os estudantes. Com tal rotação na coleta de dados, foi possível uma visão mais estrita dos autos históricos da comunidade e proceder a elucidação do que o plano pedagógico foi capaz de promover no núcleo social de intervenção. O procedimento de pesquisa se deu inserido no desenvolvimento do plano de intervenção pedagógica através da promoção de oficinas de contação de histórias e atividades que envolveram moradores, estudantes e professores, como fator de integração e resgate cultural.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cruzamento dos dados entre a população mais idosa da localidade e a mais jovem, composta de estudantes, permitiu diagnosticar a dramaticidade a que as práticas culturais mais tradicionais estão expostas. Os moradores da localidade apontam apreensão quanto à apreciação da prática da narrativa e escuta de histórias hoje:

As histórias não têm mais significado para as pessoas. Ninguém para mais para ouvir os mais velhos, nós não sabemos as letras. Virou caso de carocha (ENTREVISTADO 1).

Os meninos de hoje envolvem-se só em televisão. Hoje são poucos que gostam dessas coisas (ENTREVISTADO 2).

Sinaliza-se na fala dos moradores o desinteresse pela contação de histórias. As práticas mais tradicionais de memória e cultura perderam espaço até mesmo onde tinha mais expressiva manifestação (FLECK, 2007). Furtivamente o hábito da reunião para ouvir e partilhar histórias padece de adesão e o dado é restritivo. Cerca de 95% dos alunos pesquisados afirma ter tido algum contato esporádico com a contação de histórias e outros 5% revelam nunca terem ouvido uma.

Os contadores de histórias, bem como as histórias, desempenhavam um papel educativo de destaque ao fornecer às crianças as noções da realidade (FLECK, 2007). A formação para a vida na infância tinha nas histórias contadas e ouvidas um instrumento de valia, por aliar memória e valores (SILVA, 2011). Os entrevistados ainda afirmam:

De primeiro, dizia-se que havia coisas encantadas. Todos da casa paravam para assuntar e nós riamos muito. Mas agora acabou tudo (ENTREVISTADO 1).

Naquela época o diálogo com os pais era diferente de hoje, haviam ensinamentos pelas histórias (ENTREVISTADO 2).

A população entrevistada revela saudosismo para com a contação de histórias e a dimensão que a prática possuía no seio de uma comunidade. A tradição perde força e não se preserva. Dos estudantes entrevistados, 62% afirmaram nunca ter participado de um momento de reunião para contação de histórias. A perda cultural é significativa, pois hábitos enraizados são evanescidos com o passar do tempo (FARIA;

GARCIA, 2002). Uma atividade de resgate dos laços culturais em torno da tradição da reunião familiar da contação de histórias é pertinente em preservar uma medida importante na vida de indivíduos em comunidade: sua própria identidade cultural.

Após a realização das atividades constituintes do plano de intervenção, os estudantes inicialmente questionados foram novamente abordados, tendo participado dos processos pedagógicos e oficinas de contação de histórias. Questionados sobre que sentimentos e experiências foram despertados quando da escuta das histórias, foram destacados o respeito e a fé. Cerca de 53% dos alunos afirmaram que a prática da contação de histórias deve ser trabalhada frequentemente em sala de aula.

As oficinas obtiveram forte adesão dos participantes marcadamente pelo entusiasmo demonstrado. As histórias são atividades de força cognitiva expressiva, pois permitem uma interação entre o imaginário narrado e a realidade cotidiana, de valor pedagógico inestimável (COELHO, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias são recursos cadentes de empenho cognitivo, pedagógico, educativo e de manutenção da memória e cultura. São patrimônios coletivos que aliam em si a historicidade dos sujeitos e sua identidade própria. É mister manter viva a prática da contação de histórias como marca de perpetuação identitária e cultural.

A tradição oral possui em seu interior o fomento do curso ancestral transmissível às gerações. É sumário que sua prática seja resgatada e preservada. Os cenários socioculturais são diversificados e tendem a gerar desprendimento em relação às práticas mais tradicionais de cultura. No entanto, para que nenhum dado cultural se perca, é preciso ressignificar as práticas, orientar trabalhos de revalidação de hábitos e práticas.

Com o desenvolvimento deste trabalho, na reflexão sobre a prática da narrativa de histórias e de diagnóstico em uma comunidade rural, através da pesquisa, foi possível apontar a escola como ambiente sede do resgate de valores culturais. O plano de intervenção pedagógica aqui objetivado encontrou na escola não apenas o espaço, mas o local de difusão e de refração cultural. As instituições de ensino devem atentar-se para seu potencial transformador e de guardiã depositária da identidade cultural dos indivíduos. A escola possui a chave de formação dos indivíduos, sendo imperativo à sua gestão pedagógica que se dirija diligente sobre os sulcos tradicionais e culturais em sua preservação e salvaguarda. Carecemos da figura do contador de histórias, daquele que assegurava memória e identidade através da oralidade, é o professor hoje o grande promotor cultural. A escola precisa ser ressignificada, as salas de aula precisam ser ressignificadas, a metodologia precisa ser ressignificada e validada no contexto originário dos sujeitos em seu berço sociocultural.

O campo, local de destaque das práticas tradicionais orais, vem perdendo contato com seu núcleo cultural por uma série de fatores da atualidade. Convém que os educadores saltem o largo de tal liquidez contemporânea, sendo agentes protagonistas de resgate dos valores, investindo também o alunado de protagonismo. A tradição oral não deve ser subjugada pela escrita ou pelo novo modelo midiático, mas ressignificada no solo social.

Os resultados revelam, além do quadro dramático de desaparecimento das tradições, grande interesse pela prática da contação de histórias. As histórias contadas e ouvidas são pressupostos de investimento pedagógico. O prazer, a emoção e a suavidade das histórias serão parte fundamental do processo pedagógico, se estas forem integradas ao devir dos educadores. Resgatar a contação de histórias é resgatar memória e identidade cultural, tal atividade é o resgate potencial do indivíduo, motivação de toda prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobice**. São Paulo: Scipione, 2003.

_____. **Por uma arte de contar histórias**. Disponível em:
<http://www.docedeletra.com.br/semparar/hpsfanny.html>. Acesso em: 6 out 2010.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ARROYO, L. **A cultura popular em Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, L.; SMITH, V; SPERB, T. M.; PARENTE, M. Narrativas Intergeracionais. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, 19(1), 98-105, 2009.

BUSATTO, C. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CALDIN, C. F. Voz, presença e imaginação: a narração de histórias e as crianças pequenas. **Encontros Bibli. Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. 13, UFSC, Florianópolis, 2012.

CAPRINO, M. P.; PERAZZO, P. F. História oral e estudos de comunicação e cultura. **Revista FAMECOS**, v. 18, n. 13, p. 801-815, Porto Alegre, dez 2011.

CARUSO, C. **A importância da literatura na formação da criança**. Disponível em:
<http://www.riobranco.org.br/brasil/soe/caruso.htm>. Acesso em 6 out 2010.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

COGO, R. S.; NASSAR, P. A história e a memória na comunicação organizacional: um estudo da narrativa da experiência para atratividade dos públicos. **Revista Internacional de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v.10, n.19, 2011.

DIXON, S. **Prontos para ler: sugestões para estimular o interesse pela leitura nas crianças**. Disponível em:
<http://www.dodot.pt/artigos/info/details/content.59903/prontos-para-ler-sugestes-para-estimular-o-interesse-pela-leitura-nas-criancas>. Acesso em: 25 jan 2011.

DOHME, V. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história.** 3 ed. São Paulo: Informal, 2000.

FARIA, H.; GARCIA, P. **Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário.** In: _____. O reencantamento do mundo: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo: Polis, 2002.

FLECK, F. O. O contador de histórias: uma nova profissão? **Revista Eletrônica Bibliotecon**, n. 23, Florianópolis, 2007.

GANCHO, C. V. **Como analisar narrativas.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2001.

Lenisa Brandão, Vivian Smith, Tania Mara Sperb*, & Maria Alice de Mattos Pimenta Parente.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2000.

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo: Summus, 1979.

NETO, J. C. C. M.; DANTAS, S. N. Contando histórias: uma experiência em educação ambiental na Escola do Recife envolvendo cultura local e desenvolvimento sustentável. **Revista da Ciência da Administração**, v. 3, jul - set 2011.

OTTE, M. W. **A magia de contar histórias.** Instituto Catarinense de Pós-graduação. Disponível em: <http://www.icpg.com.br>. Acesso em 25 jan 2011.

PISCITELLI, A. **Tradição oral, memória e gênero: um comentário.** Seminário Internacional Del Uso de Histórias de Vida em Ciencias Sociales: Práticas, Teorías y Metodologías. Villa de Leyva: Colombia, março, 1993.

SILVA, A. L. **Memória, tradição oral e a afirmação da identidade étnica.** Disponível em: <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/0760.pdf>. Acesso em: 20 jan 2011.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade.** 3ª Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 2000.

UMBELINO, J. D. **A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do Pró-leitura.** 121 f. 2005. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2010.